

NOMEAR, SIGNIFICAR, ELABORAR: PRÁTICAS DE ESCUTA CLÍNICA DO TRABALHO E DO SOFRIMENTO

Os artigos desta terceira edição são marcados por uma bela diversidade de abordagens teóricas e metodológicas. Destaque para artigos sobre a Clínica Psicodinâmica do Trabalho, os sintomas e dimensões conceituais e práticas da Psicologia Social e do Trabalho. A leitura nos inspirou a escrever algumas notas sobre o método que vem sendo usado nos estudos sobre o trabalho e suas articulações com o sujeito, o sofrimento e o adoecimento. Assim, com o desejo de oferecer ao leitor outros e novos caminhos que permitam revisitar as ideias postas nos artigos publicados, propomos uma discussão muito singular sobre a escuta clínica do trabalho e do sofrimento. Significamos a escuta clínica como um campo do conhecimento no qual teoria, método e aplicação são indissociáveis, como uma *prática* fundada em filiações filosóficas e epistemológicas particulares.

A seguir apresenta-se alguns pressupostos que sustentam esta ideia e uma proposta baseada na nossa experiência de práticas em escuta clínica. Pensamos ser a escuta um fazer no real do trabalho, uma atuação política com e pela produção de conhecimento, especialmente no que diz respeito ao reposicionamento do sujeito do trabalho e, do trabalho do sujeito por meio da disseminação de espaços de escuta do trabalho e do sofrimento ali produzidos. Trabalha-se, desse modo, na construção de uma crítica para mobilizar outros lugares que não o da opressão, novos modos de significação do sofrimento e emancipação dos sujeitos. É um fazer que envolve nomear, significar e elaborar sofrimentos

invisíveis e desarticulados para que os sujeitos se defrontem com o real e protagonizem os destinos a serem trilhados por estes sofrimentos.

Com base nesse princípio, diferentes práticas de escuta clínica tem sido delineadas. Nossa experiência tem apontado dois eixos de análise que sustentam a sua realização. Um eixo que envolve a análise das condições técnicas, políticas e éticas particulares a cada contexto institucional onde serão realizadas; e o outro relativo aos objetivos que se pretende alcançar com a escuta clínica, no caso, a prevenção e o tratamento do sofrimento, das patologias do trabalho e do adoecimento mental, para os quais são requeridos dispositivos de escuta específicos.

Nessa perspectiva, propõe-se como práticas de escuta clínica do trabalho e do sofrimento: Os Espaços de Discussão e A Clínica do Trabalho, visando a prevenção, e a Escuta Clínica do Sofrimento no Trabalho, com foco no tratamento.

Os *Espaços de Discussão* permitem a formação de espaços de fala nos coletivos de trabalhadores em diferentes contextos organizacionais, tem um caráter preventivo e pode ser conduzida por profissionais como médicos, assistentes sociais, psicólogos, enfermeiros, pedagogos e áreas afins. É uma metodologia que pode ser usada para pesquisa e ação nos riscos psicossociais, clima e qualidade de vida no trabalho entre outras dimensões de gestão e organizacionais. Na nossa prática, usamos para discussão os fatores investigados no PROART – Protocolo de Riscos

Psicossociais Relacionados ao Trabalho de Facas (2013)¹ que analisa as dimensões da organização do trabalho, os modelos de gestão, os indicadores de sofrimento patogênico e os danos físicos, psicológicos e sociais.

O Espaço de Discussão possibilita que mudanças aconteçam, seja pela oportunidade de repensar o trabalho, seja pela sensação de ser escutado por um outro que se posiciona de maneira aberta para realizar essa escuta, para interagir e discutir o que foi vivido pelo sujeito quando em contato com o trabalho, além de discutir como as outras dimensões de sua atividade estão interferindo e contribuindo para seu desempenho e também para seu sofrimento e processo de saúde-adoecimento.

A *Clínica do Trabalho* introduzida na década de 1990 por C. Dejourns como teoria e método em Psicodinâmica do Trabalho é um espaço clínico e social que envolve o sujeito em confronto com a organização do trabalho. A organização do trabalho é o centro das interpretações intersubjetivas. Estuda o uso da inteligência e (o uso) da vontade do trabalhador no espaço psíquico e social. A inteligência e a vontade do trabalhador se expressam como resultado de uma realidade que as solicita.

É realizada por meio de encontros e/ou sessões coletivas com os trabalhadores. Envolve o coletivo de pesquisa (pesquisador e trabalhadores) e coletivo de controle o grupo de pesquisadores que discute os dados obtidos pelo coletivo de pesquisa. A discussão das vivências de prazer-sofrimento provenientes da dinâmica das situações de trabalho é construída ao longo das sessões. A análise e as interpretações das situações de trabalho dadas pelos pesquisadores e trabalhadores asseguram a validade do material coletado, à medida que participa um grupo de pesquisadores que confronta permanentemente o conteúdo das sessões entre si e com o próprio grupo de trabalhadores no momento da realização da

pesquisa. É um processo de interação, no qual os trabalhadores analisam suas vivências e os pesquisadores propõem hipóteses a serem discutidas. A validação ocorre nesse mesmo contexto, sendo relativa à interpretação dos fatos, não aos fatos em si, com o objetivo de demonstrar as contradições da relação sofrimento e organização do trabalho.

É composta de três etapas. A primeira etapa, denominada pré-pesquisa, é caracterizada pela análise da demanda. A segunda etapa é a pesquisa propriamente dita, ou seja, o momento em que são discutidas coletivamente as relações entre organização do trabalho e as vivências de prazer e de sofrimento. A terceira etapa é a validação dos resultados.

Esse modelo de pesquisa pressupõe uma demanda dos trabalhadores, porque coloca em risco a gestão coletiva da organização do trabalho e das relações sociais, à medida que o vivido é objetivado. Os riscos e as responsabilidades devem ser abordados no grupo e assumidos voluntariamente pelos participantes. A análise da demanda de forma socializada permite a sua validade quando os atores a reconhecem como significativa, assumindo os riscos coletivamente.

Os resultados alcançados com o uso deste método em diferentes contextos institucionais ao longo de 10 anos na nossa prática de pesquisa nos lançam um debate sobre qual é a potência política do trabalho com a clínica, colocando em questão a ação da fala e a perspectiva de construção coletiva de regras de ofício e de convivência para a emancipação do sujeito e para as transformações na organização do trabalho. Este debate tem como consequência a proposta de sistematizar as etapas do método da Clínica do Trabalho publicada na obra *Clínica Psicodinâmica do Trabalho: o sujeito em ação* de 2012.

Nessa direção, novas proposições são formuladas para uma qualificação teórico-metodológica que articule as teorias

¹ Validado por Facas et al. (2015) na obra Trabalho e Prazer: teoria, pesquisa e práticas.

do sujeito e social à uma condução centrada não só na escuta atenta e qualificada, mas sobretudo, na escuta clínica. São introduzidos assim como princípios: (1) O processo fala-escuta implica condições que vão além do dizer-ouvir. A escuta do sofrimento decorrente das relações de trabalho requer do clínico escutar o não dito, o oculto, o silenciado, buscando, junto com o trabalhador, desvelar a cortina e construir novas estratégias para nomear, significar e elaborar o sofrimento, atribuindo um novo sentido ao trabalho e, como consequência, abrindo espaço para as ações sobre a organização do trabalho. (2) O pensar não está dissociado do sentir. Não é suficiente para elaborar o sofrimento patogênico e acessar o sofrimento criativo e ético, conhecer o trabalho, saber o que precisa ser feito ou fazer o que se sabe. O fazer está carregado de saberes e de afetos, principalmente porque o trabalho implica viver junto. A fala sobre o sofrimento permite essa associação, vez que o sofrimento é afeto, não sendo suficiente para este reposicionamento apenas nomear e significar as relações entre trabalho e sofrimento, há de se passar pela elaboração, tal como vem sendo estudada pela clínica psicanalítica.

Estes princípios trazem consequências para a discussão do lugar do clínico do trabalho, que se desloca da posição de pesquisador-clínico para clínico-pesquisador sendo necessário para tal um saber fazer particular. Assim, para a clínica

do trabalho e o clínico-pesquisador ocupar este lugar e fazer valer estes princípios alguns dispositivos na condução da clínica têm se mostrado potentes, como a transferência e a interpretação, discutidos na obra aqui citada, bem como a formação do clínico e a supervisão clínica e institucional.

A Escuta Clínica do Sofrimento no Trabalho envolve um método e técnica de análise próprios, centrado na escuta clínica do sofrimento no trabalho, referenciada na teoria e técnica da escuta psicanalítica articulada à crítica social. Vem sendo realizado na Clínica-Escola CAEP/UnB desde 2015. É uma perspectiva que abre um debate no campo das clínicas do trabalho. A proposição é construir uma teoria do sujeito do trabalho, onde o foco é o sujeito da possibilidade, um sujeito da invocação, que remete ao entendimento do sofrimento como afeto e afeto como angústia, articulados ao desejo e sua ética, sendo este inevitavelmente um modo de colocar em cheque a potência política das clínicas do trabalho enquanto prática.

Esta proposta aponta uma profusão de práticas que vêm sendo desenvolvidas pelos diversos estudiosos no Brasil, mostrando uma efervescência na produção de diferentes modos de apreender as relações trabalho, sujeito e sofrimento, construindo assim, novos caminhos que coloca o Trabalho (En)Cena e sustenta nosso desejo de continuar disseminado e debatendo estes saberes e fazeres.

Ana Magnólia Mendes
Lilium Deisy Ghizoni
Editoras Gerais da Revista Trabalho (En)Cena